

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes.  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas.  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE MAIO DE 1913

N.º 344

## Assumptos religiosos

### Ô mez de Maria na Igreja da Encarnação



*Os fiéis sahindo do templo*

*(Phot. de \*\*\*)*

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de maio de 1913

### Coisas d'agora

(Carta á Senhora D. Albertina Paraiso)

Minha senhora e muito cara amiga :

**Q**UER, ordena V. Ex.<sup>a</sup> que lhe diga a minha impressão sobre o recente livro *Coisas d'agora* e eu direi que: fallar, o mais obscuro de quantos manuseam entre nós uma penna para Portugal e para o Brasil, do insigne escriptor que é a senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho será como levantar, na velha Roma papal, entre as basilicas de S. Pedro, de Santa Maria Maior e de S. João de Latrão, uma ermidinha de frontaria caida e anodyna d'alguns palmos quadrados — é como chover no molhado. . .

Já que dos bicos da penna me saiu este *simile*, bem ou mal achado, que as linguas maldizentes poderão acoirar de preciosismo pacovio ou de modestia solerte, é bem que o aproveite para dizer que nem sempre, nos magestosos templos architectonicos, os grandes obsequios cultuaes exprimem e encerram a alma devocional que se encontra humilima e rendida nas pequeninas ermidas de frontaria caida e anodyna d'alguns palmos quadrados. . .

Eu tenho um grande, um intimo culto por esta illustre mulher portugueza, não só e não tanto porque ella fórma, com Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Antonio Candido e poucos mais, a pleiade disimada e sobrevivente d'uma raça forte e cavalheirosa de espiritos altos, mentes sãs e obra saudavel, que levantou tão nobremente a palavra escripta e fallada do nosso paiz, como porque, atravez d'uma vida relativamente longa, soube permanecer senhora sempre, sempre feminil e doce, a despeito de tantos factores pessoaes e de *meio* proprios a impellir outra qualquer para fóra da periphèria assignada, pelos usos, pelos costumes, pela tradição, pela moral e pela razão, ao *habitaculum* social da mulher. Por outras palavras, a senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho nunca fez feminismo.

Revestida com a reluzente cota de malha d'uma intelligencia clara e tenaz, armada com o sabre de tempera rija d'uma erudição intensa e vastissima, dispondo ainda do florete penetrante vibratil como um vime e inteiriço como uma consciencia recta d'uma aturada especiação da Vida, vista atravez das lentes crystallinas d'um temperamento raro de artista; tendo feito quotidianamente a sua esgrima, o seu jogo d'uma frescura notavel com os mestres mais insignes em questões de espirito e de honra, nas salas-d'armas melhores frequentadas pelos nomes que são a nossa contemporanea gloria intellectual e que foram ou são os dos seus amigos e dos seus admiradores de cada dia, seria de qualquer modo desculpavel ou menos de estranhar que esta mulher tentasse alargar a sua influencia, chamando a si a direcção hegemonica — que ninguem de boa mente lhe recusaria — do movimento, dito, emancipador da mulher portugueza.

Tal, porém, não succedeu.

E' vél-a, ao longo da sua já vasta obra, preconisar sempre, enaltecer sempre as grandes virtudes domesticas que, consistindo inicialmente em fazer do lar um recesso de conforto e de mutua dedicação, desdobram, ao mesmo tempo, sobre o sólo da patria, sobre a collectividade, uma somma de bem-estar physico e de claridade moral, indispensavel á consecução de fins altos.

Mas de que valem dissertações, quando uma simples transcripção diz muito mais e melhor?!

«Não ha nada mais encantador que a *ménagère* franceza. «A graça que é n'ella um instincto atavico, perfuma e illumina «todo o ambiente que a cerca. Economica, laboriosa *associada* «do marido em toda a extensão e intenção da palavra, ella é «exemplo e edificante lição para os que a podem conhecer de «perto. Esse fermento puro é que faz levar a massa nacional «e impede que a podridão a dissolva.»



D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

(Photographia de um quadro a oleo do pintor Salgado)

Dir-se-hia, ao ler este modelar conceito que a insigne chronista d'um jornal do Brasil tinha, em 1909, a previsão nitida, philosophica, de que, poucos annos volvidos, a *podridão dissolvente da massa nacional* haveria de coincidir com a promulgação de diplomas destinados — propositada ou inconscientemente — a desnastrar, a partir os laços avitos da familia portugueza.

Aquelle caracter nacional, que até ha pouco tempo era expresso na formula levemente romantica de *brandura dos nossos costumes*, parece tender a fixar-se no aphoristico dizer: *homo hominis lupus*, sobretudo desde que a mulher foi convidada a, *de commum accordo*, abandonar o seu lar, como se fóra uma *robe-de-chambre* fóra de moda e a penetrar no comicio ou no club ou nas assembleias eleitoraes e, uma vez lá, esbracejar, vociferar, reclamar direitos, invectivar deveres, atirar para detraz das costas, n'uma desenvoltura masculinizada, todo o perfume e toda a força herculea que lhe advinham da sua fraqueza constitucional, da sua graça e da sua bondade.

Desnacionalisadora empreza, esta, a que se abalançaram os chamados estadistas contemporaneos!

A senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho tem desferido *Toute la lyre* dos assumptos litterarios, de tal modo que o conjunto do seu labor intellectual não só constitue — o que já seria bastante — um delicado acepipe para os mais gulosos de elegancias espirituaes, servidas n'uma linguagem fluida e cantante, como — e sobretudo — está destinado a subsidiar, com factos apurados e ideias justas, a historia dos homens e das coisas do seu tempo: a historia d'uma epocha. E' uma obra de consulta, é uma obra de lição.

Em todos os seus escriptos, que já constituem muitos volumes, quer se destinem a sublinhar um acontecimento mundano, a deixar-nos uma impressão de paisagem, a testemunhar um facto politico ou social, a ressuscitar uma figura distincta que resvalou no tumulto ou a abarcar um periodo mais ou menos longo da vida d'uma ideia, d'uma corrente ou d'uma instituição, paira o mesmo sopro acalentador d'uma alma requintadamente sã, que se desdobra em conceitos de bom-senso alheios a formalismos didacticos, aqui e além polvilhados d'uma ironia atica, que é o proprio dos

## Os acontecimentos da madrugada de 26 para 27 do mez findo



A cidade de Angra do Heroísmo em cuja fortaleza foram internados os individuos implicados nos acontecimentos

espíritos que muito viveram e muito se embrenharam pelas coisas que o vulgacho desconhece ou não pode assimilar.

O seu ultimo livro *Coisas d'agora*, motivo d'esta ligeira noticia, confirma exuberantemente este asserto que, por ter sido bastas vezes repetido, não perde antes adquire, em cada dia, mais actualidade e mais razão de ser posto em fóco.

Quando este volume surgiu nas livrarias, li algures, ao annunciarem-lhe o apparecimento, a accusação de que vinha impregnado d'um pessimismo rescendente, evocador e saudoso do tempo passado.

Nada menos verdadeiro na assencia; nada mais certo nas apparencias. Para que a accusação tivesse uma realidade positiva, inilludível, mistér fóra que o seu auctor nos desvendasse as características escolásticas d'essa philosophia dos Schopenhauer e dos Hartmann ou, quando menos, os propositos systematicos d'aquelles que, por um *snobismo* fastiento e falho de sinceridade, se comprasem de ver, em todas as manifestações evolutivas da vida e das sociedades, motivos para a exhibição do seu *tedio* magnifico.

O que ha, n'um ou n'outro periodo dos varios capitulos que formam as *Coisas d'agora*, é o pseudo-pessimismo de quem nobremente não está disposto a cultivar o paradoxo litterario para agradar ou, mais incisivamente, para merecer as boas-graças, d'uma infima minoria turbulenta de *déracinés*, senhores da coisa-publica e de muito bons pulmões.

Nem a senhora D. Maria Amália é um pessimista individual á maneira de Lord Byron e de M.<sup>me</sup> Ackermann ou se apropria — dadas as suas nativas predileções, a sua educação e o seu *rang* — d'aquella conclusão a que denodadamente chega Paul Bourget, n'um estudo que ficou celebre:

«Se um cidadão pacifico que se conformou durante toda a sua vida, na constituição da sua fortuna e na direcção de sua familia, com as leis existentes, vê subitamente o seu destino proprio atingido pela repercussão d'um vasto cataclismo nacional, este cidadão dá prova d'um espirito muito philosophico tirando, da sua desgraça pessoal, conclusões d'ordem publica. «O que se chama a segurança d'uma nação não é, com effeito mais que a segurança garantida ao desenvolvimento das familias.»

Nada mais falho, nada mais soante a óco da que esta accusação gratuita — e talvez raciocinada e consciente — com o fim de occultar a existencia real d'um estado-d'alma commum a todas as classes pensantes do paiz e que até se revela d'um modo inilludível na massa popular, sob a firma macabra d'uma *alegria*... de enterro.

Não sei se, a minha cara amiga, já assistiu a uma d'estas collossaes manifestações de muitas mil pessoas que, em datas prefixadas pelos idolos, percorrem em cortejo as ruas da cidade; umas vezes, constituídas por toda a população fabril e livre-pensadora d'Alcantara e dos Terramotos, a que se juntaram contingentes esforçados de Sacavem, de Oeiras e da Moita, ao som d'uma *Portuguesa* esfalfada por meia-duzia de philarmonicas; outras vezes, parada mais modesta d'algumas centenas de creanças cantando a *Sementeira* — aquelle hymno que, um dos mais altos espiritos d'esta terra, diz que, pela maturação, já é *Espiga* — eu não sei se reparou na tristeza invencível d'aquella onda humana que tem o quer-que-seja de commum com aquell'outras ondas das marés-baixas, enoveladas de golpho e de lodo deixando na areia da praia um circulo negro de variados detricitos.

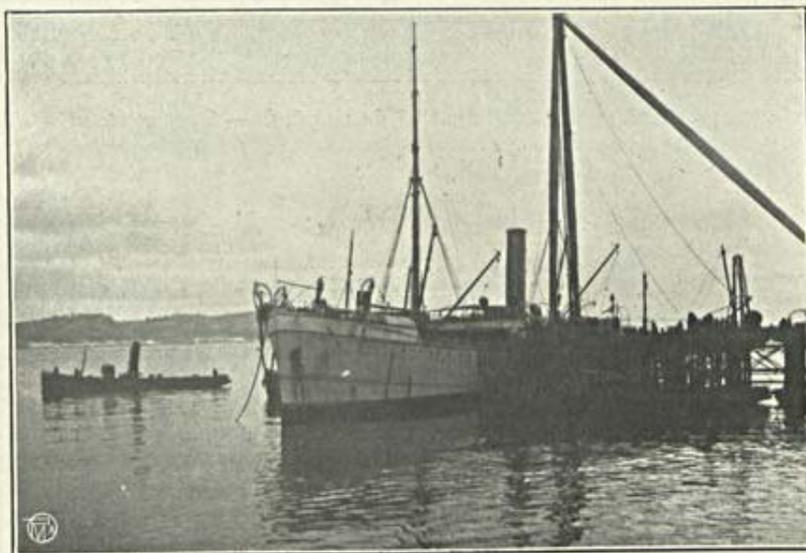
E se passar para o campo? Aquella alegria paradisiaca, cheia de cor e de pictoresco, levemente pagã e fortemente humana, do arraial nos dias festivos do calendario catholico, póde, acaso, comparar-se á inverosimil mazurice d'uma sessão civica, d'uma manifestação liberal, entre madrelvas galhoferas e papoulas trocistas?!

Estragaram a alma atavica popular — originariamente boa e alegre, crente e confiante — que, sendo afinal ella quem fóra a atmospheria d'uma patria, envenenou o ar de tristezas e desconsolo que as *élites* respiram e que não podem sanear, como seria seu desejo.

Este livro *Coisas d'agora* quereria eu recommenda-lo a todos aquelles e aquellas que têm a peito contribuir para a formação de caracteres

nobres, que, para o serem, necessitam de nascer de mulheres dignas e estas teem muito que aprender na leitura do Capitulo II *o Congresso e a educação da mulher*, do Capitulo V *o sentimento religioso*, do Capitulo VI *a mulher na democracia*, do Capitulo IX *Evolução do feminismo*, para me referir apenas aos mais incisivos.

Recommendal-o-hia a todos os estudiosos, porque encontrariam nos artigos sobre Lord Byron, Carlos Dickens, Chateaubriand, Jean



Os acontecimentos da madrugada de 26 para 27 do mez findo — O vapor «Cabo Verde» que conduziu a Angra do Heroísmo os revoltosos

(Phot. de \*\*\*)

Jacques, materia-prima para a sua ancia de criticismo e de saber.

E recomendal-o-hia, no seu conjunto, a todos os que amam esta desditosa patria, que a senhora D. Maria Amalia tanto ama e tanto enaltece com a sua obra de mestre, porque, de cada uma de suas paginas, se desprende uma folha perfumada de galanteria e de arte, e, de cada um dos seus capitulos, um fruto saboroso e delicado que é o alimento mais necessario ao espirito — o bom senso.

Creia-me devotadamente

Seu muito admirador e amigo  
HEMETERIO ARANTES.

Aquelles que amamos e que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão sempre onde estamos.

Alexandre Dumas.

## O verme da neve

Um verme, especie de minhoca, que vive no monte Santo Elias, em Alaska, offerece a curiosissima particularidade de ser inimigo declarado do calor e da luz. Esse singular animal, descoberto ha pouco tempo, é chamado scientificamente *Melanenchytreus solifugus*. Assim que anoitece, apparece elle nas superficies geladas; mas, logo que brilhe o primeiro clarão da manhã, mette-se entre a neve, sendo preciso, para o encontrar, escavar até meio metro de fundo. Nem com o céu nublado, o referido verme sae durante o dia do seu esconderijo, de modo que no verão quasi que passa a vida no seio dos gelos.

Mais vale uma hora do sabio, do que a vida inteira do nescio.

Proverbio arabe.



Os acontecimentos da madrugada de 26 para 27 do mez findo — O regimento n.º 34 de infantaria, que veiu para Lisboa substituir infantaria n.º 5, formado no Rocio

(Phot. de \*\*\*)

## DE TARDE

N'aquelle *pic-nic* de burguezas,  
Houve uma coisa simplesmente bella,  
E que, sem ter historia nem grandezas,  
Em todo o caso dava uma aguarella.

Foi quando tu, descendo do burrico,  
Foste colher, sem imposturas tolas,  
A um granzoal azul de grão de bico  
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos  
Nós acampámos, inda o sol se via;  
E houve talhadas de melão, damascos,  
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas todo purpuro, a sahir da renda  
Dos teus dois seios como duas rolas,  
Era o supremo encanto da merenda  
O ramalhete rubro das papoulas!

CESARIO VERDE.

## A electricidade e as plantas

Estão-se fazendo no estrangeiro successivas experiencias sobre a electrificação das terras.

A corrente electrica, atravessando o terreno, determina a emigração de varias especies animaes, que vivem no sub-solo. Muitos d'estes bicharocos são fulminados, morrendo instantaneamente.

Tambem se tem applicado o processo, com resultados admiraveis, a certas plantas atacadas pelos parasitas. Estes abandonam os vegetaes e a corrente produz effeitos maravilhosos no crescimento das plantas.

A assimilação do carbone faz-se com maior intensidade e a seiva circula com maior vigor.

Que pensamentos excitam  
Os olhos fagueiros teus!  
São rompimentos de céus  
Olhares que a tudo abalam...  
Quando os teus olhos me falam  
Minh'alma acredita em Deus!...

TOBIAS BARRETO.

## CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XI

## AQUEM E ALÉM-MAR

**Castilho — A consagração do poeta pelo Gabinete Portuguez de Leitura — Castilho e o Imperador — Castilho e a Imperatriz — A gloria suprema de um poeta — Castilho e o Brasil — A sua memoria deve ser amada pelo Brasil**

**A**NTONIO Feliciano de Castilho, primeiro Visconde de Castilho, renovador, com Herculano e Garrett, das letras portuguezas no seculo XIX, teve na noite de 26 de Março do anno corrente, consagração solemne no Gabinete Portuguez de Leitura.

Oradores illustres enaltecera a obra do copioso escriptor, e á luz de uma critica justa, tanto mais imparcial e serena, quanto mais afastados se encontravam das lutas apaixonadas e renhidas em que o grande poeta cego teve que defender-se dos que procuravam demolir a sua soberania litteraria, puzeram em relevo as qualidades excepçõaes do prosador e do poeta, do mestre por excellencia da lingua portugueza, do classico eminente a quem aprazia de quando em vez lustrar-se de uma tinctura romantica, do transplantador inimitavel de Virgilio, de Ovidio, de Shakespeare, de Goethe, de Molière, do pamphletario, do polemista, do pedagogo.

Não é intuito meu prolongar nestas columnas essa consagração justissima; não diria mais nem melhor, não accrescentaria uma pedra ao monumento que lhe erigiu ha dias a mais douta e prestimosa collectividade litteraria portugueza do Rio de Janeiro.

Não, hoje o meu unico objectivo é frisar as relações intellectuaes, as affinidades litterarias, a affeição intima, entre Castilho e o Brasil. Encheria largas columnas deste jornal se reproduzisse apenas os mais bellos trechos, as palavras nobilissimas, as referencias penhorantes, a entusiastica admiração, esses montões de perolas litterarias, que se espalham pelas numerosas cartas dirigidas por elle ao Imperador D. Pedro II. Aquella, por exemplo, em que lhe agradece a mercê da commenda da Rosa pôde considerar-se uma das mais formosas paginas da litteratura portugueza. A essa affeição intima, misturada de admiração pela individualidade intellectual do Imperador, correspondeu este sempre e por todas as fórmas, submettendo versos seus á apreciação de Castilho, escrevendo-lhe longas e effusivas cartas, dando-lhe opiniões litterario-criticas e pedindo-lh'as, convidando-o a vir ao Rio de Janeiro fazer a propaganda do seu methodo de leitura, e fazendo-lhe pessoalmente em Lisboa uma affectuosa e demorada visita.

Na reciprocidade desta admiração e dessa estima, foi mais longe ainda o Imperador. Aproveu-lhe exercer um acto de clemencia, que encheu de jubilo o coração de Castilho e lhe deu a gloria mais intensa e vasta que pôde encher os sonhos humanitarios de um poeta.

A convite de D. Pedro, feito directamente, e reforçado depois por instancias do Dr. José Feliciano, irmão do poeta, amigo intimo do Imperador, e companheiro certo nos cenaculos litterarios de S. Christovam, Castilho veiu ao Rio de Janeiro, pouco antes de 1855, aqui se demorou algum tempo, aqui grangeou amigos, aqui explicou e propagou o seu Methodo, de que o chefe da Nação Brasileira que assistia ás sessões, era, por assim dizer, o apostolo coroado. Regressou a Portugal, e em 1856 um grupo de portuguezes, seus admiradores entusiastas, pede-lhe do Rio que intervehna, pela fórma que julgue mais efficaç, para obter a commutação da pena de um portuguez que por um crime de homicidio, em legitima defesa propria, fóra condemnado a doze annos de prisão. Annui promptamente Castilho dirigindo á Imperatriz essa famosa epistola em verso, que tanto a sensibilisou, tanto aquella supplica eloquente lhe penetrou o coração, que a bondosa senhora, alheia

a todos os assumptos politicos, reservando esse campo exclusivamente a seu augusto esposo, como ainda ha pouco o affirmou com o seu brilho usual, o Sr. Carlos de Laet no *Jornal do Brasil* — abriu uma excepção a esse systema inalteravel até ahí, e junto do Imperador juntou as suas lagrimas ás supplicas do poeta.

O Imperador commutou a pena. Triumphava a humanidade, cantava victoria a Poesia e do canto singelo e sentido de um poeta, vindo do outro lado do Oceano, sahia a liberdade de um homem.

Transbordou de contentamento o coração da Imperatriz, o Imperador engastou na sua corôa o brilhante de melhor agua, commovidos, exultaram os portuguezes que do Rio enviaram uma penna de ouro ao poeta glorioso, e elle, no apogeu da intima felicidade, dirigiu á Imperatriz uma nova epistola poetica, em que havia tanta eloquencia no agradecer, como a que houvera no supplicar.

Victor Hugo, quando escreveu numa das suas famosas cartas a Castilho: *Les grands aveugles n'ont point de regards, parce qu'ils ont de rayonnements*, teve de certo a antevisão desta memoravel victoria do Poeta e da Poesia.

Um anno antes, em 1855, outro factio assignalado identificou Antonio Feliciano de Castilho com o Brasil, ou melhor, com a sociedade fluminense, os intellectuaes e o povo.

No dia 30 de Novembro desse anno representava-se no theatro S. Pedro, desta cidade, o drama *Camões*, immortal monumento erguido por Castilho á lingua portugueza e á vida attribulada do epico immortal. Era uma obra prima que o poeta offerencia ao publico do Rio de Janeiro antes que um publico de Portugal a consagrasse. E' certo que numa audição notavel em casa de Castilho, em Lisboa, lhe tinham proclamado o valor, escriptores da estatura de Mendes Leal, João de Lemos, Casal Ribeiro, Latino Coelho, Palmeirim, Pereira da Cunha e outros ainda. Mas o poeta timbrou em que primeiro a ouvisse o Brasil, que fosse João Caetano, o grande actor brasileiro, o interprete da figura complexa de Camões, e offereceu o drama ao seu regio amigo com estes versos, que é bom recordar:

## A Sua Magestade

## O Senhor D. Pedro II

IMPERADOR DO BRASIL

Tu, que entre amor dos teus, e universal assombro,  
firme n'um sceptro immenso, os olhos no porvir,  
volves, joven Atlante, um áureo mundo ao hombro,  
e sorrindo-lhe luz lhe ensinas a florir;

Filho e glória do Heroe semi-deus em dois mundos,  
cuja urna eu coroei como um votivo altar,  
ou como o teu colosso em palmares fecundos  
Musas do teu Brasil hão-de cedo engastar;

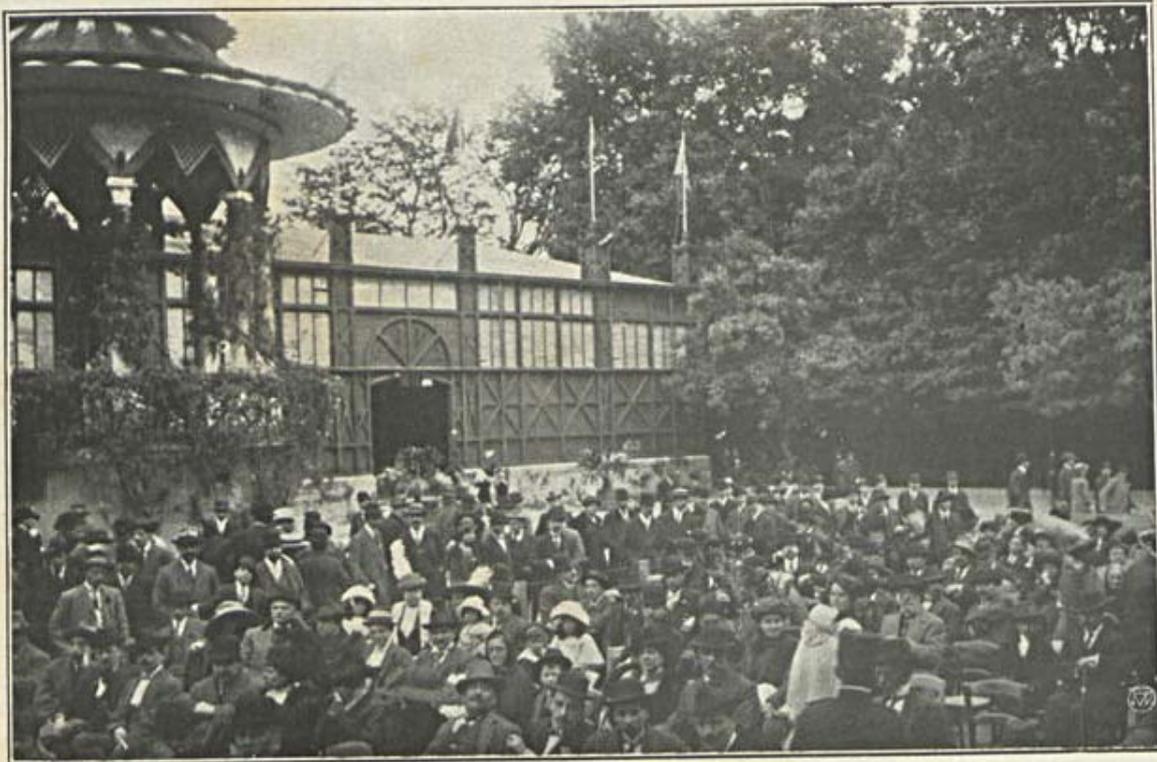
se o destino um diadema em teu berço ha lançado,  
d'esse dom casual não me atrai o esplendor;  
tens mais nobre diadema, eterno, conquistado,  
quem mede em ti o sabio, esquece o Imperador.

Sobre paços de Reis, e sobre um tecto ignoto,  
pode um astro de Deus commum resplandecer.  
Tu no sólio, eu no exilio, um do outro tão remoto,  
ambos damos um culto ao mérito, ao saber.

Quantas vezes (quem sabe?) o estudo á mesma hora  
nos haverá raiado igual inspiração!  
Como na minha lyra estás fulgindo agora,  
talvez um canto meu lá te encha o coração.

Não me julguem vaidoso: os ocios teus campestres,  
meu Cesar, não sei eu que me teem junto a ti,  
e que entre a profusão de autores nossos mestres  
tu sonhas sonhos meus, folheando o que escrevi?

## Commemoração do anniversario da descoberta do Brasil



Uma festa no Jardim Zoologico -- Um trecho da assistencia

Alma irman da minh'alma, ó tu, cuja poesia,  
mais que a minha feliz, não se exhala em vãos sons,  
mas povóa de bens infinda monarchia,  
verte a povos sem conto os mais formosos dons.

poeta omnipotente, acceita o meu tributo.  
Não é mais que um retrato, um livro, um nada, sim,  
mas n'um germen contém-se incalculavel fruto;  
mas ás vezes um nada encerra bens sem fim.

Feliz eu, feliz tu, feliz teu vasto Imperio,  
se outra vez n'este livro attentos olhos pões.  
Renascem Grecia e Lysia em melhor hemispherio;  
cantam sem mendigar, Homeros e Camões.

De toda a parte o genio, artes, sciencia, estudo,  
vão do teu sólio á sombra encher os fados seus,  
Regenéra-se a terra; teu favor fez tudo.  
Carpiste sobre um vate, e fizeste-te um deus.

Ponta Delgada. (Ilha de S. Miguel), 4 de Agosto de 1849.



COMMEMORAÇÃO DO ANNIVERSARIO DA DESCOBERTA DO BRASIL — Uma festa no Jardim Zoologico — Entre outras pessoas vêem-se os srs. Vellozo Rebello, 1.º secretario da legação do Brasil, e o sr. consul da mesma nação. (Phot. de \*\*\*)

O exito da peça foi excepcional.

Longo tempo o *Camões* se conservou em scena e a primeira representação conta-a o Conselheiro José Feliciano a seu irmão, numa carta de 14 de Dezembro desse anno: «Estava tenebrosa a noite. Torrentes, relampagos, inundações, nada teve mão no publico. O concurso era sem exemplo. Não havia no amplo recinto da sala um unico lugar vasio; chegaram-se a pagar camarotes por trinta mil réis. Achavam-se presentes Suas Magestades, o Imperador e a Imperatriz, que permaneceram quasi até ao baixar do lustre. Tudo era luxo; na assembléa reinava certa excitação como de um grande acontecimento.»

E lá para o fim da carta: «Estive tambem no camarote do Imperador n'um dos intervallos. Fez muitas reflexões acêrca da peça e da representação, mostrando a grande erudição e gosto litterario que tu lhe conheces, desde aquellas conferencias poeticas que tivemos com elle no paço, e em que tanto admirámos o seu saber.»

Numerosas representações se seguiram, em que o Talma brasileiro era delirantemente aclamado, e com elle Castilho, cujo busto apresentava n'um rico pedestal, em frente da scena.

Na madrugada de 26 de Janeiro d'esse anno, era o theatro S. Pedro devorado por um incendio, e o grande João Caetano descrevendo-o para Portugal a Castilho, dizia-lhe:

«Meu amigo: duas notaveis coincidencias houve n'essa catastrophe, sendo opinião geral que o fogo foi lançado pelos meus antagonistas; uma foi arder o theatro no dia do seu natalicio e na vespera do meu; a outra foi que, tendo ardido tudo quanto existia no edificio, só salvei o seu livro — o nosso *Camões* — com parte do repertorio. Camões salvou do naufragio o seu poema; eu salvei do incendio o seu *Camões*.»

O busto de Castilho que, coroado de flôres, figurou e foi aclamado em todas as representações, ficou pulverisado nas ruinas do theatro.

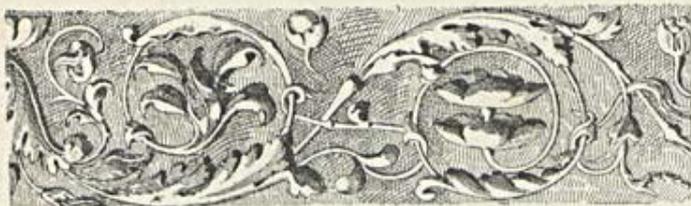
Todas estas notas, todos estes acontecimentos, tornarão, creio bem, mais amada no Brasil, a memoria do cégo incomparavel que se chamou Antonio Feliciano de Castilho.

Rio, 1913.

JAYME VICTOR.

O bom senso é guarda-portão do espirito; o seu mister é não deixar entrar nem sahir as idéas suspeitas.

Daniel Stern.



## POR UM OCULO...

(Críticas, Bângues & Phantasias)

XXVIII

### Uma conferencia — «Os privados»

UM grupo de senhoras da nossa primeira sociedade organisou ultimamente uma serie de conferencias no antigo Salão da Arcada de Londres (a onde tambem esteve installada a Liga Monarchica), revertendo o producto das entradas, distribuidas por convites especiaes, para as familias dos presos politicos pobres.

Generosa ideia a que ficará sempre ligado o nome das suas iniciadoras, e a que tão galhardamente se tem associado os mais consagrados oradores portuguezes, concorrendo com o seu brilhante concurso a essa santa empresa.

O ultimo que alli se fez ouvir foi o Dr. Cunha e Costa, antigo republicano, que nem por isso negou a sua valiosa cooperação áquella cruzada bemdita.

O que foi a conferencia deste sublime artista de palavra é impossivel dizel-o nestas rapidas linhas de simples anotação do facto. A nossa admiração pelo talento desse adversario politico, não nos permite macular o seu nome com a adjectivação corriqueira em que é tão prodiga a banalidade indigena. Proferimos, portanto, economisando palavras que não conseguiriam nem deslumbrar o tribuno e muito menos envaidecer o homem, testemunhar-lhe a extraordinaria impressão que a nós e a toda a assistencia que o ouviu, causou a sua conferencia em favor dos presos politicos pobres. E na impossibilidade de extractarmos aqui a soberba e inimitavel peça oratoria do colossal tribuno limitamo-nos a archivar algumas das suas passagens mais impressionantes — pallidas sombras a que falta o colorido vivissimo da palavra do dr. Cunha e Costa.

Tratando da bandeira disse o orador:

Imagine se, por exemplo, um pobre portuguez atirado analfabeto aos quinze annos para o Brasil. Nem familia, nem livros, nem esse trato espirital em que afogamos maguas e desalentos. Vinte annos volvidos essa criatura por um laço moral e só por esse está preso á terra que lhe foi berço: pela bandeira azul e branca. De repente, tiram-lha. Tirando-lha dissolveram o vinculo que ainda o prendia á patria! E porque? Varias razões se alegaram em favor da providencia: o orador confessa a sua inopia mental; não percebeu nenhuma!

Dir-se-ha, porém, que a uma organização especial, vasada em moldes «ad hoc» devem os exercitos da primeira republica franceza a formidavel epopeia da libertação do territorio. Desgraçadamente, a maior parte dos correligionarios do orador continuam a discretar sobre a revolução franceza, não atravez da verdade historica mas de velhos dythirambos absolutamente desacreditados. A psychologia da grande revolução só nos ultimos trinta annos foi feita por investigadores eruditos e imparciaes. A intriga demagogica não atingiu os soldados e chefes da fronteira. Emquanto em Paris os «heroes do medo», como Taine lhes chama, chacinavam a revolução e a republica, os exercitos francezes, na fronteira abrasados nas puras virtudes militares só pensavam em pelear e morrer pela patria. Emquanto em Paris, os cidadãos tinham medo dos comités das secções, estes tinham medo da communa, a communa tinha medo do comité de segurança geral, o comité de segurança geral tinha medo do comité de salvação publica, e a convenção tinha medo de todos elles, os soldados e officiaes, na fronteira, batiam-se pela patria, sem cuidar de quem ocasionalmente chacinava e guilhotinava. A cabeça de Danton rolou no cadafalso; no cadafalso rolaram as formosas cabeças de Vergniaud e dos seus companheiros da eloquente Gironda; rolou por fim no cadafalso a cabeça do abominavel magarefe da revolução e da republica, Robespierre, e o exercito soube disso apenas vagamente

e lamentando a perda de muitos delles, como puros patriotas que eram. Exercito e facções são termos incompativeis. Confundi-los é matar a nação.

Referindo-se em seguida a fé religiosa que o dr. Cunha e Costa reputa indispensavel, proseguiu:

«E porque não dize-lo? Tambem a fé religiosa, que tão profundamente absorvia Scott, é uma virtude militar. Sem fanatismos, sempre condemnaveis, como condemnaveis são todas as manifestações sectarias, o soldado e o povo que uma ardente fé religiosa abraza tem no jogo da luta e da guerra um poderoso triumpho. Nenhum povo tão religioso como o povo inglez. O inglez não chega sequer a comprehender a existencia do atheu. Faz-lhe o effeito que a um civilisado faria a entrada do homem de Cros-Magnon a convidar-lhe a filha para uma valsa. Tantas vezes o orador e o seu partido fizeram a apologia de Gladstone como symbolo das mais puras doutrinas liberaes. Pois Gladstone foi antes de tudo e acima de tudo um classico e um theologo. Na sua religião buscou a inspiração que o fez aceitar, pela primeira vez, a pasta de ministro, e já velho nos tremendos combates do «home-rule», isolava-se dos comuns e dos lords para resar, antes das sessões. Servios, bulgaros e gregos devem em grande parte a sua inesperada e formidavel victoria sobre os turcos á sua profunda fé religiosa. Andam nas mãos de toda a gente as revistas e jornaes que antes e depois das batalhas, attestam o fervor religioso da concentração balkanica. Mas a França?! Oh, a França nunca foi tão catholica como depois da separação da igreja do estado. Na execução da lei quanto escrupulo, quanta cautela, quanto melindre em não maguar a consciencia religiosa do paiz! E' ler as circulares ministeriaes, inspiradas no mais inequivoco sentimento de tolerancia e no sincero desejo, ou melhor, na necessidade politica de collaborar com a igreja para o maior prestigio e gloria da França. E comprehende-se! Raros são aquelles a quem uma moral scientifica alenta e basta. Os outros, a enorme maioria, resistem obstinadamente á ideia da dissolução no verme e se a ideia contraria lhes falta cahem na animalidade pura da besta fera.»

E termina assim:

«Não ha porem uma patria republicana e uma patria monarchica: ha uma só patria que principia no conde D. Henrique e vem até hoje, aceita em bloco com as suas alegrias e as suas tragedias, no bom e no mau, no optimo e no pessimo e não a beneficio de inventario. E' esta a doutrina que o orador sempre defendeu e continuará a defender. Não é patriota aquelle que numa evocação rapida mas sublime não comprehendeu e sentiu toda a historia patria; quem não rasgou a pelle e lacerou as unhas a escalar a alcaçova de Santarem; quem na rua não clamou contra a mulher de João Lourenço da Cunha; quem não resou com o Condestavel na agonia de Valverde; quem se não descobriu reverente, deante do voto do Mestre de Aviz; quem não esteve na ponte de Alcantara com o prior do Crato; quem não padeceu sessenta annos de dominio castelhano; quem não andou a monte contra as invasões napoleonicas; quem não sentiu o bafo pestilento das mangas negras, densas como o fumo, nos quadrados de Marraquene e de Coolela; quem, finalmente, não respeita os heroes do passado só porque não tiveram a ventura de no tempo de el-rei D. Diniz proclamar a Republica nas alturas das Escolas Geraes. Patria é uma, inteiriça, sem falha, continua atravez do tempo e atravez do espaço. Quem assim a não entende não é patriota no alto e nobre significado da palavra. A patria que tal não fór será de Shylok, nunca de Nuno Alvares. Pesa-se, vende-se, mas ninguem por ella morre.»

Arregassemos agora as mangas para passarmos a outro assumpto, que merece ser registado aqui como nota pittoresca e symbolica.

Os agentes da policia judiciaria n'uma rusga que realisaram ha dias pelo suspeito bairro d'Alfama — um dos mais immundos e perigosos da cidade — notaram uns individuos, conhecidos como gatunos, entre os quaes figuravam tres *professionaes* com cadastro no governo civil.

Eram esses *cidadões* os ex.<sup>mos</sup> rufias *Moita, Cegueta e Marreco* com um passado cheio de *façanhas* a que nos tempos ominosos as gentes retrogadas e reaccionarios chamavam roubos e gatunices, mas que hoje certamente devem ter outro nome menos causticante, attendendo á consideração que os seus auctores merecem ás auctoridades — áquellas auctoridades justamente que tem por fim zelar pela segurança dos haveres do publico.

Pois nessa famosa rusga a que tão leviana e por certo impensadamente procedeu a policia judiciaria, revelou-se mais um symptomatico signal dos tempos que vão correndo e que ficará como testemunho illucidativo para a historia, por tantos titulos pittoresca da politica contemporanea.

Para que não julguem que fazemos *blague* forçando a nota da realidade, passámos a transcrever do *Seculo* — do insuspeito e republicanicissimo *Seculo* — a noticia da occorrença.

«O chefe Carmo, da esquadra dos Caminhos de Ferro, traz á noite, por Alfama, em serviço de vigilancia, cinco agentes á paisana, que, ante-hontem, ás 23 horas, ao passarem no largo do Chafariz de Dentro, notaram uns individuos suspeitos, que os seguiram, até que na rua da Regueira se lhe juntaram mais alguns.

«No largo do Peneireiro o grupo era já numeroso, notando a policia que n'elle figuravam os gatunos conhecidos pelo «Marreco», pelo «Cegueta» e pelo «Moita». Então, tiraram as pistolas e correram sobre elles, conseguindo prender o «Marreco» e um outro individuo.

Imagine-se o espanto dos policiaes quando este lhes apresentou um cartão da policia privada, dizendo que andavam alli todos de sentinella ao jogo prohibido!»

tenham cadastro e sejam tidos pelos seus collegas da judiciaria como elementos perigosos aos haveres da sociedade?

Se assim pensam os civicos do chefe Carmo, de maneira bem differente entende a primeira auctoridade do districto, que guindou o *Marreco*, o *Cegueta* e o *Moita* á privilegiada situação de seus delegados com especial bilhete d'identidade, para serem respeitados e acatados.

E contra factos desta ordem não ha argumentos... nem desinfectantes sufficientes!

Uff!!

CRISPIM.

## Castigo merecido

Uma dama da cõrte queixou-se um dia ao monarcha de que o marido vivia com ella em constante desharmonia e que até muitas vezes lhe batia desalmadamente.

O rei, que era homem sensato, ouvindo a queixa, respondeu-lhe muito cortezmente:

— Tenho muita pena que assim seja, mas não lhe posso valer.

## A conspiração monarchica



Julgamento dos accusados do complot de Evora — Entre outros o major Monteç e o capitão Francelino Pimentel  
(Phot. de \*\*\*)

Não lhe alterámos uma virgula. Como o insuspeito diario informa — e Deus sabe quanto elle teria hesitado entre os seus creditos de colossal informador e os seus sentimentos pelas conveniencias politicas! — assim nós acima transcrevemos.

O leitor — e principalmente o patricio que longe da Patria nos lê — fica, depois d'uma destas, algo embuchado não é verdade? Pois tenha a bondade de recuperar o seu sangue frio e não fazer caretas porque os tempos não vão para espantos, aliás teremos sempre que andar de boca aberta.

O ex.<sup>mo</sup> gatuno *Marreco* e a sua illustre quadrilha, como vêem, são agentes da policia privada do governador civil do districto de Lisboa, com poderes especiaes para a fiscalisação do jogo prohibido. Isto é, os eminentes rufias exercem uma função policial de confiança.

E' claro que só quem fór um refinadissimo thalassa ou jesuita poderá achar o caso ultra escandaloso, por não comprehender este avançado progresso em que vivemos. Reflectindo porém um pouco, vê-se logo que os ex.<sup>mos</sup> gatunos *Marreco*, *Cegueta* e *Moita* estão muito bem no papel de policia que lhe confiaram, por n'elles terem encontrado, por certo, especiaes conhecimentos na arte de... fiscalisar o proximo.

Que tem lá, que os illustres privados de sr. governador civil

Entre marido e mulher não mettas a colher. Comprehende bem que não tenho nada com isso.

— Mas Vossa Magestade não sabe tudo, replicou a dama. Meu marido é um homem desleal, um traidor que conspira contra o throno de Vossa Magestade...

— Ah, com isso nada tem a senhora, retorquiu logo o rei que aborrecia a denuncia. Deixe-o conspirar.

## Onde se encontra o diamante?

Nos terrenos de alluvião, provenientes da destruição de rochas antigas, cujos destroços, arrastados pelas aguas, se amontoaram nos valles e nas planicies. Claudio Collas fez esta observação muito curiosa: que a série dos jazigos diamantiferos formam á superficie do globo uma vasta ellipse que, partindo da Russia, vae ao Cabo da Boa Esperança, d'ahi á California e ao Brasil. Pela primeira vez, em 1886, se encontraram n'um aerolitho, cahido n'uma provincia da Russia, pequenissimos crystaes de diamante.

A unidade de peso empregada para os diamantes e ontras pedras preciosas é o quilate, que equivale a 205 milligrammas.

## VIDA ELEGANTE



*Sr. Manuel Antonio Lobo d'Avila Lima*



*D. Ondine Bernaud Borges Alves*

### A VIDA ELEGANTE

O aparecimento deste numero do *Brasil-Portugal* vai coincidir com o inicio das grandes festas hipicas no hippodromo de Palhavá. Antigamente, quando a primavera, era no seu tempo proprio, o concurso hippico marcava como exposiçao galante de *toilettes* ligeiras. Hoje que tudo mudou e cada um tem de andar agasalhado no começo do verão, como o exige o temperatura arrepiante do começo de inverno, essa nota alegre

das grandes festas sportivas tem de ser acompanhada d'um negro ponto de interrogaçao! Ninguem sabe a quantas anda! Na politica, nas letras, na vida social, na temperatura provavel... E' o tal vento de insanias a que se referia solemne o conselheiro Accacio, a soprar desesperadamente, trazendo tudo e todos sob a mesma impressao desorientada e confusa.

E' verdade que o rifao lá diz que — *em maio comem-se as cerejas ao borrão*... mas, os rifões nem sempre rimam e tambem nem sempre dão certo... Portanto o frio e a chuva, estão fora do seu tempo. Apesar d'isso o concurso hippico cumprirá o seu dever, tomando o exemplo do visconde de Sotto Maior que no pri-



*Vida elegante — O sr. marquês de Villalobar, ex-ministro de Hespanha em Lisboa, despedindo-se dos seus amigos no dia da sua partida para a Belgica*

meiro dia da estação estival, subia tranquillamente o Chiado, de fato branco, sob uma terrível pancada de água, dizendo aos que se admiravam da sua resignada attitude:

— Eu cumpro o meu devêr; o tempo que cumpra o seu!..

— E' tolo!

Nunca tinha visto mais despreocupada franqueza! Adorei a semcerimonia... E seguí a dâma, consegui sabêr onde moráva, fui repellido á primeira, á segunda, á terceira declaração e accei-

## Funeral do sr. Marquez da Praia e de Monforte

(† em 1 de Maio de 1913)



*O feretro conduzido por creados e pessoal da casa, conforme expressa determinação do finado*

(No 1.º plano o prior de Santa Izabel, reverendo dr. Santos Farinha, e o conego Caldeira, capellão da casa do sr. Marquez da Praia e de Monforte)

Como inicio das festas ao ar livre tivêmos a primeira das tardes elegantes do Jardim Zoologico. O bello párqe das Laranjeiras merece effectivamente a concorrência distincta que vai têr. Nos jardins onde explende exuberante a mais formosa vegetação ha aspectos encantadôres. No recinto do tea, um sexteto executa das cinco ás sete, um bem organizado programma musical; e para alegria das creanças, lá está um theatrinho de fantoches exhibindo as aventuras de Arlequim e de outros herôes ladinos, que vão depois á noite povoár os seus sônhos e alegrár as suas recordações.

Pelo que respeita ao *flirt*... não fallêmos. O local não pôde sêr mais suggestivo, — não só dêsse perigoso exercicio espiritual que pessoa alguma conseguiu ainda definir com precisão, mas até das affeições mais sérias que levam ao nó fatal, — ao casamento.

Conhecêmos um homem que levou annos a fazêr propaganda do celibato e a troçár impiedosamente todos aquelles que se dispunham a abrir um lár. Até que um dia nos appareceu — casado! A' nossa interrogação o ex-propagandista anti-casamenteiro respondeu encolhendo os hombros:

— Casei, é cêrto, casei! Foi a catatua do Jardim Zoologico!

E como percebêsse a nossa intrigada admiração, esclareceu amavelmente o estranho caso.

— Uma tarde fui ao Jardim Zoologico. Contempláva uma das catatuas quando vi chegar uma senhõra que exclamou, apontando para o exemplár que eu admirava n'aquelle momento:

— Que lindas pennas azúes!

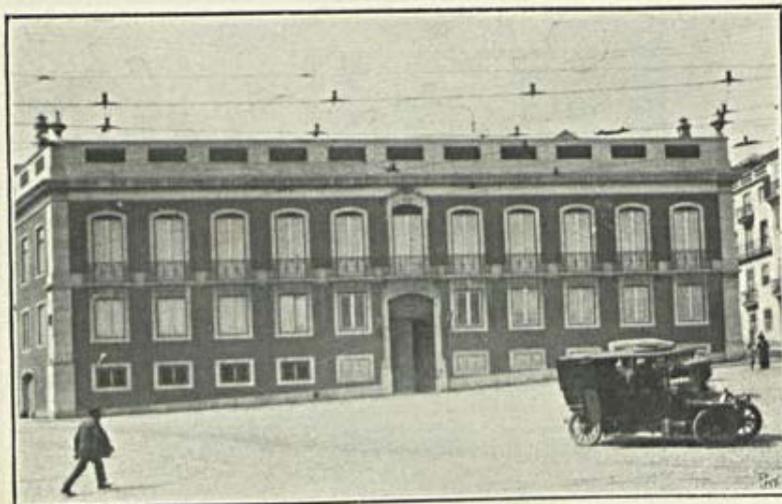
Ora as pennas da catatua eram vêrdes; d'um vêrde escuro, carregádo, mas vêrdes Foi o que eu oppuz respeitosa-mente, amavelmente, na melhór das intenções:

— Perdão, minha senhora, as pennas são vêrdes!

Ella olhou-me e exclamou:

te com restricções á quarta. Afinal, para não modificár o juizo que a frequentadõra do Jardim Zoologico fizêra primitivamente a meu respeito... casei. Como vê... foi a catatua!

Aviso aos que fõrem ás 6.ªs feiras tomar chá, solteiros. Uma simples e arrelienta catatua pôde influenciar-lhes toda a vida!



*O palacio do sr. Marquez da Praia e de Monforte no Largo do Rato*

O mês de maio, segundo nos consta, fechará com chave de ouro... musical. Anuncia-se para os ultimos dias do mês em casa d'uma das nossas mais notaveis amadõras de musica, uma grande *matinée* em honra de Vianna da Motta e de sua espõsa madame

Assistencia Catholica da Freguezia de Santa Isabel mantida pelo reverendo dr. Santos Farinha, em sua propria casa, com o auxilio dos seus amigos



Creanças sustentadas pela Assistencia Catholica

Bertha Vianna da Motta, actualmente em Lisboa e que regressam á Allemanha nos primeiros dias de junho. Estamos em crêr, que ésta será o fêcho da estação; salvo se o imprevisto, que actua muito em assumptos mundanos, nos prepará algumas das suas...

LUIZ TRIGUEIROS.

O *Brazil-Portugal* publica hoje, os retratos da sr.<sup>a</sup> D. Ondine Bernaud Borges Alves e do sr. Manuel Antonio Lobo d'Avila Lima, cujo casamento realisou ha poucos dias, o rev. Bispo do Porto, que para êsse fim veio expressamente a Lisboa, como velho amigo da familia do noivo.

A gentil noiva é filha da sr.<sup>a</sup> D. Luiza Bernaud Alves e do capitalista sr. João Borges Alves. O noivo, engenheiro distincto, é filho da sr.<sup>a</sup> D. Palmyra Lobo d'Avila Lima e do medico naval, já fallecido, o sr. dr. Manuel Caetano da Silva Lima, que foi director do Hospital da Marinha.

## A' Virgem Santissima

N'um sonho todo feito de incerteza  
De nocturna e indizível anciedade,  
E' que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,  
Nem o ardor banal da mocidade,  
Era outra luz, era outra suavidade  
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só da ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira.

ANTHERO DO QUENTAL.

## Com feuz amo não joques as peras

Um lord inglez, caprichoso e maniaco, achando-se n'uma das suas propriedades, ordenou ao cocheiro que fosse á povoação proxima comprar leite. O cocheiro sentiu-se melindrado com o facto de lhe ordenarem um serviço proprio de creado e respondeu em tom respeitoso que lhe não competia essa obrigação e que na casa havia muitos creados que podiam desempenhal-a.

## Mez de Maria na Igreja da Encarnação



Á sahida do templo — Os reverendos drs. Santos Farinha e Garcia Diniç

(Phot. de \*\*\*)

— Quaes são então os serviços que lhe competem? perguntou o lord fleugmaticamente.

— Tratar dos cavallos e guiar o carro, respondeu o cocheiro. O lord deu-lhe razão e chamou um creado ao qual disse que fosse á povoação proxima comprar o leite.

— E, continuou elle, voltando-se para o cocheiro, você vá pôr a carruagem para conduzir o creado.

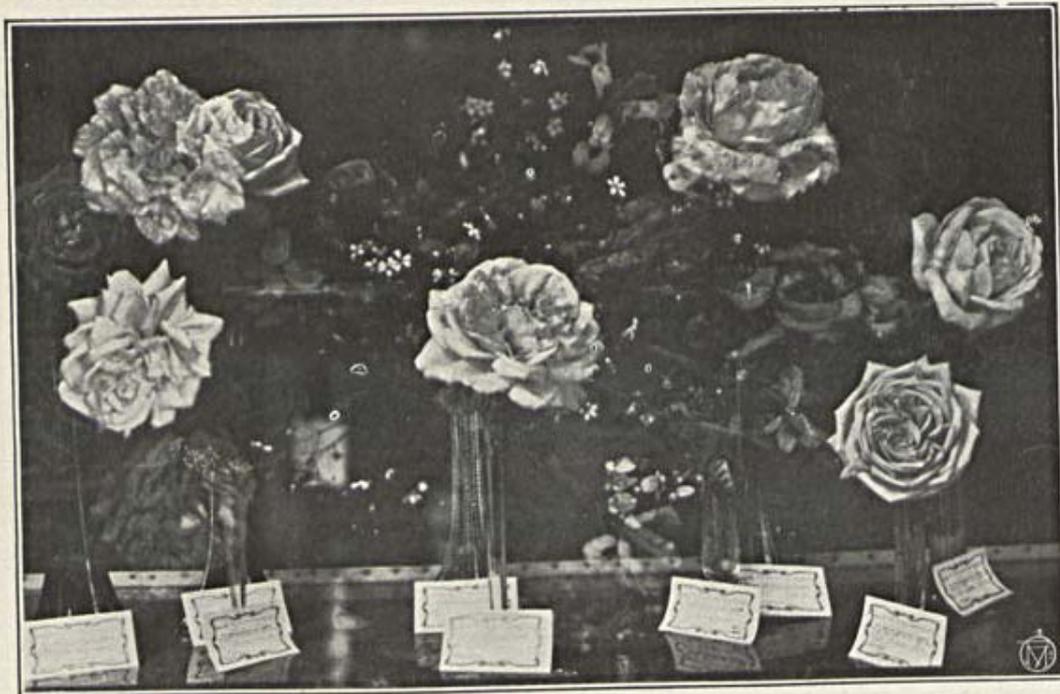
## Uma Exposição na Associação Central de Agricultura Portuguesa



*Grupos de cravos pertencentes ao sr. Fiel Viterbo*  
(Premiados com medalha de ouro)



*Cravos e lilazes pertencentes a Lopes & C.<sup>a</sup>*  
(Premiados com medalha de ouro)



*Rosas expostas pelo sr. Teixeira Marques*  
(Premiadas com medalha de ouro)

## A proposito das sufragistas inglezas

As mães

**L**ANÇANDO hontem por acaso os olhos a um jornal da noite li que as sufragistas inglezas, que nas ruas teem praticado os maiores e mais ridiculos disturbios, quando se vêem encarceradas deixam de comer.

Este meio de conseguir a liberdade pela fraqueza demonstra, mais uma vez, que essas mulheres não estão aptas para que lhes sejam concedidos os direitos que tão loucamente ambicionam.

Um dos grandes males da educação feminina actual é não incutir á mulher a noção da dignidade propria.

A mulher, como a entendem os atrazados, deve ser uma creança eterna, e ás creanças permite-se tudo; os avançados querem que seja um homensinho atrevido a sonhar com a eterna igualdade dos sexos, sem querer perceber, — tanta e tão grande é a sua ingénita vaidade, — que essa igualdade é uma utopia que como a maioria dos sonhos sociaes nunca se poderá realizar inteiramente.

Diz muito bem o grande Gustave Le Bon, num dos seus mais

rando tão caricatamente, impõe á mulher que o sabe sêr o desenvolvimento da força moral que, quando verdadeira, domina todas as audacias e dobra caracteres de aço. Ora essa força não se desenvolve senão por um estudo do proprio character, um esforço de dominio dos proprios sentimentos e actos, uma constante observação e emenda dos nossos melhores gestos. A mulher não deve nunca deixar de ser senhora e, quando em si haja esse sincero convencimento, impõe-se ao respeito do homem que, seja dito em seu louvor, é sempre cortéz com quem se sabe respeitar. Mas admittamos por um instante que o feminismo não deva ser combatido como um dos peores males sociaes: será mostrando a mais completa falta de senso commum que as reivindicações feministas conseguirão ser attendidas? Não. E' ainda pelo esforço individual, pela educação dos filhos, que se pode preparar a evolução dos espiritos para esse tremendo disparate que terá para as mulheres as mais lunestas e terríveis consequencias.

Estamos numa época de revolta e despotismo em que todos pretendem impôr uns aos outro as suas opiniões e se insurgem, não num movimento de soffredores que, pelo muito que têm padecido, se revoltam, mas de ambiciosos que a vaidade e desejo do



Uma exposição na Associação Central de Agricultura Portugueza — Plantas uteis do Jardim Colonial

(Phot. de \*\*\*)

recentes livros, que os erros da psychologia do presente e a incapacidade de prevêr o futuro, dão sempre origem a fatalidades ruinosas que pezam depois sobre varias gerações.

E' o que succede ás feministas. Estão na perfeita inconsciencia da sua propria psychologia e nem por um instante pensam nas graves dificuldades que amontoam para a vida das gerações por vir.

A primeira cousa que uma mulher precisa incutir no coração dos filhos, e portanto no seu, é que *nem todos os meios servem para chegar aos fins* e se nunca ninguem deve fazer no campo das ideas uma arma da sua força physica, por isso ser humilhante para o character dum ser que se diz superior, muito menos a propria fraqueza, para quem conhecer o valor que a palavra dignidade tem, pode ser um meio aceitavel para atingir um fim.

Quem não hesita nos meios attinge necessariamente o alvo que propõe.

Claro que não me refiro aos meios de que as feministas estrangeiras estão usando: esses servem apenas para demonstrar a sua incapacidade moral e intellectual e dar força e razão aos seus antagonistas. Podem desejar e é natural que consigam com o tempo, a destruição da familia. O que não poderão é, reconhecido o erro que praticaram, remedia-lo. Será muito tarde.

A fraqueza physica, que as feministas estrangeiras estão explo-

mando desvaira. As mulheres foram contagiadas por esta grave epidemia que grassa pelo mundo e, como geralmente não têm o habito de reflectir, porque não é divertido, cegaram-se pelo falso ouro com que meia duzia de exaltadas as deslumbram.

Acham immensa graça a *brincar aos homens*, a falar de assumptos graves, a ter uma opinião sobre tudo e, como isso, por ora, lhes não impõe deveres e permite caprichos e extravagancias, estão contentissimas por desempenhar talvez um papel na historia da sociedade futura. Desempenhar um papel! E' isto que as deslumbram, que as tenta, que as arrasta. E não hesitam em sacrificar o futuro dos filhos á triste vaidade de se tornarem salientes.

Ha excepções nesta regra, como em todas; mas são raras e não é dessas que vem o principal mal. Conhecido o erro, com a mesma sinceridade com que aplaudem, condemnarão. Sendo a volubidade uma qualidade muito feminina, não lhes deixa mesmo tempo para a notar. O que é mau e prejudicialissimo são as que não são sinceras, as que não tendo nem uma idea, presumem de sabias e conselheiras e arrastam as pobres patetas do mesmo modo que os oradores de comicios arrastam após si uma turba de ingénuos, que não comprehendem os seus discursos e os ovacionam porque os oradores têm gestos arrebatados, sorrisos lisongeiros e se mostram amigos e defensores dos seus interesses.

## Exposição de aves na Associação Central de Agricultura Portuguesa



A comissão promotora da exposição

Da esquerda para a direita: Carlos Zeferino Pinto Coelho, Joaquim A. Monteiro, Amaro d'Azevedo e Castro, Manuel Serrano e Carlos Augusto de Barros.

A eterna historia.

Não descure a mulher um só momento a ideia de que não é uma boneca nem um homem. E' tão degradante uma coisa como a outra. Compenetre-se da gravidade da sua missão na terra e terá nella o melhor e mais sympathico papel.

Que tristeza que faz vêr essas bonecas mirando-se nas montras do Chiado, olhando os homens dum modo duvidoso que parece um desafio da peor especie, voltando-se na rua para admirar o apertado duma saia travadinha, ou com modos perfeitamente masculos cahirem no excesso contrario!



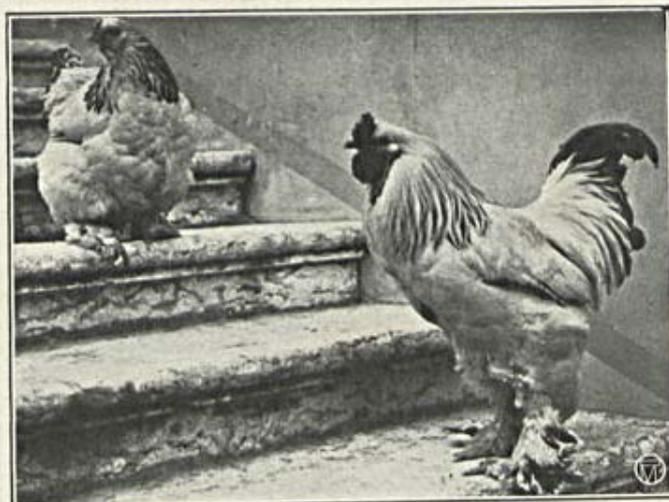
Exposição de aves  
na Associação Central de Agricultura Portuguesa  
Gallo da Cochinchina, amarello, pertencente ao aviario da Estrella  
(Medalha de ouro)

A vida do corpo e da alma têm leis análogas e correspondentes. E quem materialmente se occupar a todo o instante de futilidades não poderá espiritualmente applicar-se a assumptos graves.

Nem feministas nem bonecas: *mulheres e sobre tudo mães.* Que



Exposição de aves  
na Associação Central de Agricultura Portuguesa  
Perú pertencente ao Sr. Conde de Fontalva  
(Medalha de ouro)



Exposição de aves  
na Associação Central de Agricultura Portuguesa  
Gallo e gallinha Brahma, pertencente ao sr. Manuel Serrano  
(Medalha de ouro)

o triste espectáculo que as suffragistas inglezas estão dando ao mundo nos faça reflectir sériamente nesta incontestavel verdade.

Nada mais vil do que explorar com a propria fraqueza.

Nunca a mulher se deve querer eximir á responsabilidade dos actos bons ou maus que praticar.

*Não sabia ou não previa* são razões que só se admittem nas creanças de menor idade; e em muitas condições, nem nessas: só os loucos são verdadeiramente irresponsaveis.

MARIA O'NEILL.

## O imperio portuguez na India

### D. Francisco de Almeida

O primeiro vice-rei da India era um general experimentado, politico e diplomata finissimo, era um homem justo, generoso, sensato e d'um desinteresse a toda a prova. A escolha de D. Manoel foi pois acertadissima e, na verdade, o nome de D. Francisco de Almeida resplandece com vivo fulgor, logo apoz o de Affonso de Albuquerque, na historia da India portugueza.

Quando foi nomeado para o vice-reinado da India, D. Francisco de Almeida tinha já uma vida publica brilhante. Distinguiu-se muito na batalha de Toro, e, reconhecido como um dos homens mais instruidos e talvez o mais da côrte de D. Affonso V, foi escolhido por este monarcha para annunciar a sua visita a Luiz XI e dispô-lo a favor da sua causa.

No reinado de D. João II serviu na guerra de Granada em cujo cerco se distinguiu extraordinariamente, e, querendo os reis catholicos recompensal-o largamente, não acceitou cousa alguma.

O Principe Perfeito considerava-o altamente, e tanto que o tinha escolhido para commandante da esquadra que devia impedir os descobrimentos de Christovão Colombo, empreza que o tratado de Tordesillas tornou desnecessaria.

Seguiu D. Francisco de Almeida com uma esquadra de 30 velas para a India, onde chegou, depois de ter reduzido a vassalagem a cidade de Mombaça, na costa oriental de Africa, muito a proposito para n'uma gloriosa batalha naval destruir a armada do *samori* de Calicut e socorrer Lourenço de Brito, cercado em Cananor por forças muito superiores. O vice-rei impôz-se d'esta fórma, logo á chegada, ao respeito dos indios, mostrando-se tão habil general no mar como em terra.

D. Francisco de Almeida entendia, porém, que um imperio com dominios em terra em tão longinquas paragens, era empreza superior ás forças de metropole tão pequena e era por isso contrario á multiplicação de fortalezas em terra, sendo sua opinião que Portugal se devia limitar ao dominio do Mar Indico, mantendo alli forças maritimas importantes. Affonso de Albuquerque era de outra opinião e fundou o imperio da India, e, se para este se manter seria necessario que todos os governadores e vice-reis da India tivessem o genio de Albuquerque, o systema de exploração commercial, inaugurado por D. Francisco de Almeida, estava á mercê do primeiro desastre naval soffrido pelos portuguezes e, para ser

duradoiro, seria tambem necessario que todos os vice-reis do Mar Indico tivessem a sagacidade, sensatez e firmeza do primeiro vice-rei, para conservarem a amizade dos indios contra as intrigas dos mouros e obrigarem os seus subordinados a manter sempre nos negocios commerciaes a mais completa lisura e lealdade.

Além d'isso, o systema de D. Francisco de Almeida cahiria de

per si, logo que á India chegassem as esquadras de outras nações da Europa, o que fatalmente havia de succeder dentro de pouco tempo, enquanto que o imperio fundado por Albuquerque resistiu por muitos annos ás investidas dos hollandezes e ainda hoje restam nas nossas mãos uns gloriosos farrapos d'esse enorme poderio.

D. Francisco de Almeida fundou, todavia, em Cochim, uma fortaleza que foi a primeira *étape* do futuro e grandioso imperio portuguez na India. Energico e de uma rectidão inabalavel, seguiu sempre o seu caminho direito, dominando as intrigas dos seus subordinados, mantendo a disciplina e luctando com as malquerenças e desconfianças da côrte. D. Manuel tinha o mau sés-tro de escutar os que na sua ante-camara ficavam a intrigar contra aquelles que partiam para a India a honrar a sua patria e a servir-a e passava o tempo a levantar-lhes mil contrariedades e até a manifestar-lhes desconfiança de que abusassem em detrimento d'elle dos poderes que lhes outhogara. Por isso não reconduziu no governo da India, nem D. Francisco de Almeida, nem Affonso d'Albuquerque e só mediu bem as proporções da estatura moral d'estes dois grandes homens depois que elles morreram.

O primeiro vice-rei tinha se feito acompanhar de seu filho D. Lourenço de Almeida que, assemelhando-se muito a seu pae nos dotes de intelligencia e caracter, era todavia muito joven, faltando-lhe a experiencia necessaria para commettimentos de maior importancia e responsabilidade. Na sua cegueira de pae, não attendia a isso D. Francisco e confiava a seu filho commissões de responsabilidade e importancia, como o commando de esquadras, collocando sob as suas ordens homens edosos e encanecidos nos combates e nas luctas contra os

elementos. O resultado foi que D. Lourenço, commandante da esquadra do norte, desprezando como provas de fraqueza indignas do seu valor pessoal as mais elementares regras de estrategia, acceitou batalha em Chaul a uma armada turca e foi derrotado e morto.

O abalo que D. Francisco de Almeida soffreu com a noticia da morte do filho, foi tão profundo que lhe modificou completamente o caracter.

A vingança foi d'ahi em deante a sua ideia dominante e tudo a ella sacrificou. Chegando por essa occasião á India Affonso de Albuquerque para o substituir, D. Francisco de Almeida pediu-lhe que o deixasse estar no governo até vingar a morte do filho. Albuquerque accedeu e até se offereceu para servir sob as suas ordens, o que o vice-rei recusou. Sahindo de Cochim com uma poderosa armada em demanda de Mir Hussein, commandante da esquadra turca, passou como um flagello em Dabul, levando tudo a ferro e fogo, e, avistando por fim, em Diu, os navios turcos,

# THEATROS

## COLYSEU DOS RECREIOS



A notavel cantora portugueza Maria Judice da Costa na «Gioconda»

destruiu-os completamente n'uma batalha renhida e formidavel, que é um dos mais gloriosos feitos da historia portugueza na India.

Voltando victorioso a Cochim, sem que a victoria lhe tivesse modificado o azedume e o nervosismo que o dominava desde a morte do filho, deu ouvidos ás intrigas de alguns capitães que se arreceiavam da firmeza e ferrea disciplina de Albuquerque e negou-se a entregar-lhe o governo, chegando mesmo a mandal-o prender. Entre estes dois grandes vultos travou-se então uma questão triste e mesquinha, de que, diga-se a verdade, era culpado

Cabo da Boa Esperança e morreu n'uma escaramuça, d'uma azagaiada d'um preto.

Assim terminou a carreira gloriosa do vulto mais eminente, depois de Affonso de Albuquerque, da historia portugueza na India.

## COLYSEU DOS RECREIOS



A notavel cantora e professora de canto, madame Eugenia Mantelli, e a sua discipula, a cantora portugueza Cesarina Lyra, que tão brilhantemente tem affirmado os seus dotes artisticos no Colyseu dos Recreios.

D. Francisco de Almeida, e que teria tido sérias consequencias para o prestigio do nome portuguez, se n'essa occasião não chegasse do reino uma esquadra commandada por D. Fernando Coutinho, que pôz termo á contenda.

De volta a Portugal, D. Francisco de Almeida desembarcou no

aspecto de camponio, mas, pelos modos, era lido em historia biblica, olhou serenamente para todos os cantos do carro e, vendo um logar desoccupado, respondeu com toda a naturalidade:

— Olhe, chega a proposito, está vago o logar do burro. Queira subir...

*Roche foucauld.*

## VIVA DA COSTA

(GEORGICA)

Com a sardinha empilhada,  
Inda saltando vivaz,  
Vem de cestinho, avergada,  
Vem lá de baixo, da praia,  
E sobe a pino o almaraz...  
Mas nem por sombras caçada!  
Córada ao sol, e puxada,  
Faz vista de nova a saia!

Descalça. O pé regular  
E brunido pela areia  
D'essas arribas do mar.

Não se póde chamar feia.  
Descahida e farta a trança,  
Affrontada do calor,  
O lencito desatado,  
E os beijos com tanta cõr  
Como a d'um cravo encarnado:  
— A mocidade é uma flôr!

Magrinha; mas que vigor  
No seu passo de balança,  
E, para apressar os passos,  
São duas azas os braços!

A venda deve ser boa,  
Que ha muito que o mar não dá...  
Com que alvoroço apregõa:  
«Sardinha frésca!... frés-quiá!...»

Vem as outras companheiras  
Mais atrazadas. A'vante,  
Ao Monte por essa encosta,  
Ao Monte, ao Praçal e adeante,  
Que ha muito que o mar não dá...  
«Sardinha frésca! da Costa!  
Viva da Costa!... Frés-quiá!...»

BULHÃO PATO.

## Ir buscar lâ...

Já o conductor d'um d'esses carros, chamados do Jorge, que se achava abarrotado de gente, tinha dado o signal de partida, quando chegou muito apressado um individuo com pretensões a engraçado que, dirigindo-se a um dos passageiros, perguntou com um sorriso ironico:

— Faz-me um favor? Diz-me se haverá ainda algum logar n'essa Arca de Noé?

O passageiro interpellado que tinha

aspecto de camponio, mas, pelos modos, era lido em historia biblica, olhou serenamente para todos os cantos do carro e, vendo um logar desoccupado, respondeu com toda a naturalidade:

— Olhe, chega a proposito, está vago o logar do burro. Queira subir...